

OBRA, FLUXOS, ACONTECIMENTOS

Alexandre Emerick Neves

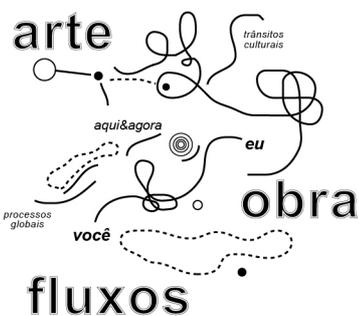
UFRJ (DOUTORANDO)/ UFES

A questão da temporalidade na obra de arte contemporânea perpassa a idéia de acontecimento. O movimento ou sua possibilidade na obra de Serra pode ser tomado neste ponto. Por vezes sugerido pela tensão em algumas de suas esculturas, o movimento difere da ação como gesto humano, mas apresenta-se como um possível acontecimento físico autônomo. As partes das esculturas de Serra tencionam-se, sobressai o jogo de forças, um equilíbrio frágil que aponta para a possibilidade de uma nova configuração para o sistema.

Com os amontoados de doces, Felix Gonzales-Torres sugere um acontecimento em aberto francamente subordinado ao espectador, presume novos acontecimentos, transmuta-se na multiplicidade de atores e gestos prováveis e improváveis. Os objetos certamente não são o cerne da obra, senão como elementos catalisadores das ações contíguas a eles, entremeiam o uso do mundo.

Notadamente, a videoperformance trabalha o tempo real dissolvido na mediação, retomado como tempo real de audiência, do retorno do acontecido, como em *Marca registrada*, de 1975, de Leticia Parente. O saldo é certa visão do ocorrido que reaparece na audiência, visão que traz consigo o enquadramento da ação, o plano, o ritmo, todo o pensamento da artista para a imagem direcionada à audiência.

Eric Baudelaire trabalha em particular com os ritmos dos acontecimentos em *Sugar Water*, de 2006, título que faz referência à tese



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

de Bergson sobre o tempo como duração. Tem-se o aparecimento de uma imagem fotográfica num painel de propaganda como um acontecimento concomitante ao andamento aparentemente normal do funcionamento de uma estação metroviária, um lugar de passagem da cidade que mantém seu fluxo cotidiano.

Tomando as possibilidades de ações inusitadas no vídeo e no filme, certamente intuimos a possibilidade de acontecimentos singulares. Assim, as ações de Peter Campus em *Three transitions*, de 1971, aparecem como um acontecimento sem traços materiais, um acontecimento promovido não somente pela figura, mas na figura.

Estamos apontando uma identificação do tempo real como o tempo da experiência com o acontecimento, examinando obras que proponham esse enfrentamento, mais incisivamente, com o que está acontecendo enquanto acontece. A obra de arte, enfim, nos situando de modo a experimentar nosso poder de síntese, nossa capacidade natural de estabelecimento de relações entre os acontecimentos.

Fluxo temporal, acontecimento, arte contemporânea